

# Idiomaticidade na gramática: *um estudo da Construção Bem Que S*

*Idiomaticity in grammar: an analysis of the Bem Que S Construction*

Clara Sousa

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
clarass@letras.ufrj.br



Diogo Pinheiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
diogopinheiro@letras.ufrj.br



**Resumo:** No português brasileiro, há uma construção idiomática particular identificada pela sequência “bem que”. Exemplos do seu uso são frases como “Bem que minha mãe avisou que ia chover” e “Bem que eu queria ganhar na loteria”. A proposta desse trabalho é investigar esse fenômeno sob a luz da Gramática de Construções Baseada no Uso (BYBEE, 2010; GOLDBERG, 2006). Adotando essa perspectiva, propomos que todos os usos analisados da sequência “bem que” são instâncias de uma construção mais abstrata, a Construção *Bem Que S*. Especificamente, neste artigo, propomos que ela seja identificada, formalmente, pela sequência [bem que [sentença]] e, no polo semântico-pragmático, pela presença do valor de rejeição de proposição. Nesse sentido, defendemos que se trata de uma construção de intersubjetividade, já que atua no gerenciamento de informações intersujeito. A partir de uma análise qualitativo-interpretativa de dados retirados do Twitter, procuramos relacionar, detalhadamente, os usos dessa construção com as generalizações propostas.

**Palavras-chave:** idiomaticidade; construção gramatical; pragmática.

**Abstract:** In Brazilian Portuguese, there is a particular idiomatic construction which is identified by the sequence “bem que”. Instances of its use are phrases like “Bem que minha mãe avisou que ia chover” and “Bem que eu queria ganhar na loteria” (literally translated to English as “Well that my mom warned me it was going to rain” and “Well that I wanted to win the lottery”). The purpose of this work is to investigate this phenomenon within

the framework of Usage Based Construction Grammar (BYBEE, 2010; GOLDBERG, 2006). We propose that all the analyzed uses of the sequence “bem que” are instances of a more abstract construction, the *Bem Que S* Construction. Specifically, in this article, we propose that it is formally identified by the sequence [well that [sentence]] and, semantically and pragmatically, by the presence of the value of rejection of proposition. In this sense, we argue that it is a construction of intersubjectivity, since it operates in the management of inter-subject information. Here, via a qualitative-interpretative analysis of data found in Twitter, we look for establishing a detailed relation between the uses of this construction and the proposed generalizations.

**Keywords:** idiomaticity; grammatical construction; pragmatics.

## 1 INTRODUÇÃO

Uma marca da Gramática de Construções (doravante GC), desde sua origem, é o reconhecimento de que padrões idiomáticos preenchem parte considerável do conhecimento linguístico do falante. Esses elementos linguísticos se destacam por sua natureza idiossincrática, tanto no que se refere ao significado, que não é composicional, ou seja, que não pode ser previsto pelas somas de suas partes; quanto, possivelmente, em relação à forma, que não necessariamente é previsível a partir das regras gramaticais de uma língua (FILLMORE; KAY, O`CONNOR, 1988). Acerca desses fenômenos, na GC, destacam-se estudos científicos que buscam entender a natureza semântica e/ou formal única que cada *idiom* apresenta.

Nessa perspectiva, este artigo se propõe a analisar um padrão idiomático específico do PB, que pode ser ilustrado pelos exemplos abaixo<sup>1</sup>:

- (1) Estou um pouco chocada com a história do cristianismo retratado no livro Uma Breve História da Humanidade. Agora estou curiosa para saber mais. Para uma religião que prega o amor e compaixão, eles bem que mataram muito em nome do fanatismo.
- (2) Bem que me falaram que Lovecraft ia piorando com o decorrer dos episódios. O melhor segue sendo o primeiro mesmo.
- (3) Bem que podia ter um botão na Netflix “continuar onde você pegou no sono”.

Todos os dados acima contêm a sequência “bem que” e uma sentença completa. Como se pode observar, trata-se de dados de um *idiom* de codificação e de decodificação. Isto é, seu significado não pode ser alcançado por meio da soma das partes e a estrutura é convencionalizada, de modo que não seria possível prever que esse padrão configura a maneira usual de se transmitir a semântica veiculada por ele (FILLMORE; KAY; O`CONNOR, 1988).

A partir da identificação desse padrão, surge uma pergunta: qual a estrutura sintática e o valor semântico-pragmático veiculado por esse *idiom*, comumente identificado pela forma “bem que”, que é comum a todos os seus usos? Em outras palavras, o seu aparecimento em uma sentença acrescenta especificamente qual sentido?

Não foi encontrada na literatura nenhuma análise sistemática que se propusesse especificamente a dar conta do valor semântico-pragmático e da forma desse fenômeno. Cunha e Cintra (2001, p. 586) apresentam, como uma conjunção subordinativa concessiva, a sequência “bem que”. No entanto, o objeto abordado por eles não pode ser o mesmo que estudamos

<sup>1</sup> Todos os exemplos deste artigo foram obtidos por meio da coleta de dados descrita na seção 3 — Metodologia.

neste artigo, uma vez que este não tem estrutura subordinativa, conforme se observa nos exemplos acima. Ainda, Aquino e Arantes (2020, p. 183) apresentam uma categorização, sugerindo que “bem que” (esse, como o nosso, não subordinativo) seja uma partícula de modalização. No entanto, também não desenvolvem uma análise específica para o padrão.

A busca por entender esse idiomatismo não é trivial. Isto é, é possível evidenciar, pela análise dos exemplos (1-3), que a identificação de uma resposta para a pergunta elaborada está longe de ser intuitiva. Analisemos a semântica dos dados acima. Ora, em (1), é possível apontar que se quer destacar o contraste entre o catolicismo como uma religião que prega amor e compaixão e o catolicismo enquanto responsável por fanatismo e assassinatos. Em (2), parece haver um arrependimento acerca de um descrédito ao aviso relativo à série. Já em (3), é clara uma ideia de desejo sendo veiculada. O que haveria em comum a todos esses valores?

Além disso, também vale estabelecer algumas afirmações acerca da sintaxe desse objeto; afinal, a configuração formal das expressões idiomáticas é uma lacuna comum nos estudos sobre idiomatismo (WULFF, 2013, p. 283). Analisando a estrutura sintática de cada dado, observa-se que a sentença que sucede a sequência “bem que” pode tanto ser composta por uma oração simples, como em (1) e (3), quanto por um período composto, como em (2). Quais seriam, então, as generalizações formais associadas a esse objeto? E mais: qual a relação entre seu licenciamento sintático e a semântica veiculada pelo padrão?

A fim de responder a essas perguntas, este estudo se insere no quadro teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) (BYBEE, 2010; GOLDBERG, 2006), que postula que a totalidade do conhecimento linguístico do falante é composta por uma rede de construções (pareamentos de forma e significado) e que historicamente tem-se preocupado com idiomatismos e sua natureza, ao mesmo tempo, produtiva e idiossincrática. Nesse sentido, entendemos que o fenômeno aqui investigado pode ser concebido como uma construção gramatical, a qual denominamos Construção Bem Que S (doravante, CBQ). Sob essa ótica, o objetivo central deste estudo é propor uma descrição da CBQ, abrangendo tanto o polo formal quanto o polo do significado.

Em essência, defenderemos aqui que a CBQ é caracterizada, sintaticamente, pela presença de uma sequência fonologicamente preenchida “bem que” e por uma sentença. No que se refere ao seu polo semântico, defendemos que ela consiste em uma construção de intersubjetividade que o falante usa para negar uma proposição pressuposta negativa.

Este artigo está organizado como segue: na próxima seção, descreveremos a metodologia utilizada, que consiste em uma análise qualitativo-interpretativa de dados retirados da rede social Twitter. Na seção 3, apresentamos nossa análise, que consiste em uma proposta de descrição da construção CBQ do português brasileiro, abrangendo suas propriedades formais e semântico-pragmáticas. Por fim, a seção 4 traz as considerações finais.

## 2 METODOLOGIA

A nossa investigação parte de uma análise qualitativo-interpretativa de dados retirados da rede social Twitter. No total, foram selecionados 500 dados, os quais analisamos um a um, em busca de generalizações sintático-semânticas.

A respeito da escolha de uma rede social como *corpus*, acreditamos que uma fonte de dados inseridos em um contexto fortemente dialógico é mais adequada para o nosso objeto de estudo, uma vez que valores pragmáticos intersubjetivos estão em jogo. Assim, foi possível observar não apenas os *tweets* em que a construção aparecia, mas também *tweets* anteriores, *hashtags* utilizadas e perfil dos usuários — que se configuraram como valiosas fontes de informação contextual. Pode-se observar, ao longo da descrição do nosso objeto de estudo, que muitas vezes nos valemos de informações contextuais para fazer suposições acerca do comportamento do falante ou do ouvinte, o que nos leva a certas conclusões a respeito de valores pragmático-interacionais em jogo.

Ademais, a escolha dessa rede social específica também se baseou na existência de uma ferramenta de busca avançada, que nos permitiu ter mais rigor no processo de busca dos dados. Isso porque, por meio dela, podemos especificar a busca a partir de cinco parâmetros diferentes: contas, filtro, engajamento, palavras e data.

Destes, apenas os dois últimos foram utilizados: por meio do parâmetro “palavras”, especificamos as palavras que devem aparecer nos resultados, bem como as palavras que devem aparecer juntas e o idioma. Assim, através dele, configuramos nossa busca para obter resultados em que a sequência “bem que” aparecesse; em que as palavras “bem” e “que” aparecessem juntas, nessa ordem; e em que o idioma utilizado fosse o português.

Além disso, por meio do filtro “data”, delimitamos temporalmente a nossa busca, selecionando as datas em que os dados foram publicados na plataforma. A primeira busca foi feita selecionando, na aba “de”, o dia

01/01/2021 e, na aba “até”, o dia 02/01/2021<sup>2</sup>. A partir da seleção desta data, as demais na sequência foram selecionadas, uma por vez, até se esgotarem os tweets. Esse procedimento foi repetido até que se atingissem 500 dados — um número que achamos suficiente para lidar com diferentes nuances de uso e para estabelecer generalizações. A última data em que foi feita coleta de dados foi o dia 16 de janeiro de 2021.

Os dados levantados foram, então, transferidos para uma tabela do Excel, em que mais cinco informações foram acrescentadas: a data de postagem do *tweet*, a data em que a nossa busca foi realizada, o verbo utilizado na sentença, o tempo verbal utilizado na sentença e notas que julgássemos importantes de serem tomadas após a análise de informações contextuais. Além disso, registramos cada dado, por meio de capturas de tela, para o caso de eles virem a ser apagados pelos usuários ou de seus perfis serem excluídos.

### 3 ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO *BEM QUE S*

Nesta seção, será exposta a nossa análise formal e semântica para a Construção *Bem Que S*. Na subseção 4.1, primeiramente, trataremos daquelas características sintáticas que caracterizam o padrão. Em seguida, em 4.2, abordaremos as generalizações semântico-pragmáticas que subjazem à CBQ. Em 4.3, trataremos da conexão entre os polos. Por fim, em 4.4, abordaremos usos particulares deste padrão idiomático.

#### 3.1 O polo sintático da Construção *Bem Que S*

Para começar a explorar nossa proposta de análise da Construção *Bem Que S*, retomamos (1) e (2), repetidos abaixo, respectivamente, como (4) e (5), e acrescidos de novos dados.

- (4) Estou um pouco chocada com a história do cristianismo retratado no livro *Uma Breve História da Humanidade*. Agora estou curiosa para saber mais. Para uma religião que prega o amor e compaixão, eles bem que mataram muito em nome do fanatismo.
- (5) Bem que podia ter um botão na Netflix “continuar onde você pegou no sono”.
- (6) Bem que me falaram que Lovecraft ia piorando com o decorrer dos episódios. O melhor segue sendo o primeiro mesmo.
- (7) Bem que minha mãe disse que não sou todo mundo...

---

<sup>2</sup> Todos os dados coletados foram publicados no ano de 2021, o mesmo em que a coleta foi realizada, de maneira que seria possível confrontar usos mais atuais da construção.

Diante desses enunciados, o que observamos, a respeito da forma, é que a construção é composta não apenas pela sequência fonologicamente preenchida “bem que”, mas também por uma sentença — “eles mataram muito em nome do fanatismo”, “podia ter um botão na Netflix ‘continuar onde você pegou no sono’”, “me falaram que Lovecraft ia piorando com o decorrer dos episódios” e “minha mãe disse que não sou todo mundo”. Isso significa dizer que a construção é semipreenchida: fazem parte dela tanto a sequência fixa “bem que” quanto o *slot* S, em que pode ser encaixada, especificamente, uma sentença.

Mas por que dizemos que essa lacuna deve ser preenchida particularmente por um constituinte de natureza *sentencial*? Considerando outras alternativas, poderíamos hipotetizar, por exemplo, que o *slot* pudesse ser preenchido por uma oração, como de fato acontece em (4) e (5). No entanto, ao postular isso, não daríamos conta dos dados que, como em (6) e (7), há mais de uma oração sob escopo da sequência “bem que”. Em suma, a construção admite, como constituinte sob escopo do “bem que”, qualquer tipo de sentença, seja ela simples (formada por apenas uma oração, como (4) e (5)) ou complexa (formada por mais de uma oração, como em (6) e (7)).

Ao mesmo tempo, é fácil constatar que o preenchimento por constituintes menores que uma oração — como complementos, adjuntos, predicativos ou miniorações — gera sentenças agramaticais:

- (8) \*Meu filho comeu bem que maçã.  
 (9) \*Meu filho comeu maçã bem que ontem.  
 (10) \*Meu filho é bem que divertido.  
 (11) \*Eu considero bem que meu filho divertido.

O que concluímos a partir dessas análises é que, no polo formal da Construção Bem Que S, está especificada a forma [bem que [S]], em que S corresponde a um slot que tem natureza sentencial. Sendo assim, ele pode ser preenchido tanto por um período simples quanto por um período composto.

### 3.2 O polo semântico-pragmático da Construção Bem Que S

Descrito o polo formal, podemos tratar da análise do polo semântico da CBQ. É notável, nos dados acima, que a construção não se deve ao papel de designar tipos de situações (“situation types”) particulares. Isto é, em (4), por exemplo, está sendo designada uma situação em que um agente metonímico (o catolicismo) realiza uma ação (comete assassinatos); em (5), uma situação em que se sugere que um tema (uma determinada tecnologia) seria passível de existir; em (6), uma situação em que um tema (uma série televisiva particular) muda de estado (vai perdendo qualidade

com o tempo); e, em (7), por fim, uma situação em que um agente (a mãe do locutor) faz um aviso (o de que seu filho não seria “todo mundo”). Em cada um dos exemplos, portanto, trata-se de uma situação de mundo diferente, ou seja, de um objeto de conceptualização distinto (VERHAGEN, 2005).

O que se conclui a partir disso é que a Construção *Bem Que S* não atua no nível O, em que, nas performances linguísticas, segundo Verhagen (2005), são elaboradas as representações de objetos de conceptualização específicos. Com efeito, procuraremos sustentar aqui que ela atua no nível S, o da interação entre sujeitos, na medida em que sua função comunicativa é a de especificar um determinado *enquadramento conceptual* para o objeto de conceptualização em questão. Para demonstrar esse ponto, observamos os exemplos (4), repetido abaixo como (12), e o exemplo (13):

- (12) Estou um pouco chocada com a história do cristianismo retratado no livro Uma Breve História da Humanidade. Agora estou curiosa para saber mais. Para uma religião que prega o amor e compaixão, eles bem que mataram muito em nome do fanatismo.
- (13) Pipipi educar minha filha pra não ficar mostrando a bunda em rede social, ata mas a filha dos outros bem que tu gosta de olhar né.

Observando a última sentença do exemplo em (12), em que aparece uma instância da CBQ, percebe-se que há um contraste entre duas ideias: a do catolicismo enquanto uma religião que prega amor e compaixão e a do catolicismo enquanto uma instituição que matou muito em nome do fanatismo. Nota-se que uma oposição também está presente em (13) — nesse caso, entre educar a filha para não expor seu corpo e observar o corpo exposto da filha de outrem.

Aqui, argumentaremos que a “oposição” evidenciada nos exemplos (12) a (13) tem uma natureza eminentemente intersubjetiva. Especificamente, sugerimos que o item “bem que” sinaliza que o *denotatum* da sentença escopada por ele deve ser interpretado como a negação de uma proposição prévia. Dito de outra maneira, sustentamos que a CBQ é usada, essencialmente, quando se deseja marcar a rejeição a alguma ideia anteriormente estabelecida. Na prática, isso significa que, em (12) a (13), os falantes não veiculam *apenas* a ideia de que “o catolicismo matou muito em nome do fanatismo” e de que “o interlocutor gosta de olhar” (respectivamente): eles comunicam ainda um *adicional de significado* (“surplus of meaning”; TANTUCCI, 2021), que aqui corresponde à ideia de que o conteúdo explicitamente veiculado se coloca em oposição a algum conteúdo previamente estabelecido.

Diante dessas observações, a nossa proposta, para o polo semântico-pragmático da Construção Bem Que S é a que segue: a CBQ é

uma construção de intersubjetividade (VERHAGEN, 2005) — rótulo que compreende as construções que atuam no enquadramento conceptual de um dado objeto de conceptualização —, cuja função é marcar a rejeição a uma proposição previamente estabelecida. Especificamente, procuraremos demonstrar que essa construção sempre *evoca a pressuposição* [não X] e *veicula a asserção* [não é verdade que [não X]]<sup>3</sup>.

Para ilustrar essa proposta, tomemos o exemplo (12). O que defendemos é que o falante, ao utilizar um construto da CBQ, evoca o pressuposto (ou seja, assume que esteja presente na mente do seu ouvinte a ideia) de que o catolicismo não mataria muito em nome do fanatismo (o que corresponde a [não X]) — isso porque, de acordo com o seu conhecimento de mundo, como ele mesmo diz, essa religião prega valores como amor e compaixão. Ao mesmo tempo, também ao utilizar a CBQ, ele veicula a asserção de que essa pressuposição não é verdadeira: na realidade, o catolicismo matou, sim, e muito, em nome do fanatismo (o que corresponde a [não é verdade que [não X]]). É nessa asserção que reside a função de rejeição, dado que ela contraria o conteúdo de uma proposição pressuposta.

Paralelamente, em (13), argumentamos que o falante utiliza a CBQ para, ao mesmo tempo, evocar o pressuposto de que o sujeito em questão não gosta de olhar o corpo da filha dos outros ([não X]), dado que ele presumivelmente havia dito que educava sua filha para não se expor, e veicular a asserção de que isso não é verdade ([não é verdade que [não X]]), rejeitando assim a ideia anterior (e consequentemente afirmando que ele gosta, sim, de olhar a filha dos outros).

### 3.3 A conexão entre os polos

Até este ponto, propusemos uma análise tanto do polo formal quanto do polo semântico da Construção Bem Que S. Vale, agora, estabelecer a conexão entre eles. O que se observa, nos dados acima, é que o elemento semântico X (presente tanto na fórmula [não X] quanto na fórmula [não é verdade que [não X]]) é denotado por alguma oração da porção formal S da construção. Isto é, dado que a construção serve para contrariar uma proposição pressuposta [não X], entende-se que X é o oposto dessa pressuposição: na verdade, ele corresponde a um conteúdo semântico ao qual o falante se alinha, em vez de rejeitar. É essa proposição,

<sup>3</sup> Os conceitos de pressuposição e asserção são utilizados aqui conforme Lambrecht (1994). Segundo o autor, a pressuposição é um tipo de informação, léxico-gramaticalmente evocada em uma sentença, que o falante assume que o ouvinte já tem no momento em que a sentença é proferida. Por outro lado, a asserção é aquele tipo de informação que o locutor espera que o interlocutor tenha como resultado de ouvir a sentença proferida.

defendida pelo locutor, que é denotada explicitamente por uma oração em S.

Em (12), a sentença S é composta por apenas uma oração, que denota a ideia à qual o falante se alinha: o catolicismo “matou muito em nome do fanatismo”. Já em (13), observa-se um período composto por duas orações. Nesse caso, aquela que denota a proposição defendida pelo falante, ou seja, [X], é a menos encaixada: “tu gosta de olhar”, já que o falante se alinha à ideia de que o gosto do interlocutor, e não exatamente a sua atitude de olhar, vai de encontro com o que ele prega.

No quadro abaixo, está sistematizada nossa proposta acerca da forma e da função (em sentido amplo) da CBQ, bem como, crucialmente, da relação entre essas duas dimensões.

Quadro 1 — Os polos formal e semântico da Construção Bem Que S

FUNÇÃO	PRESSUPOSIÇÃO	ASSERÇÃO
	FÓRMULA	FÓRMULA
	[não X]	[não é verdade que [não X]]
<b>FORMA</b>	[Bem que [S]]	
<b>RELAÇÃO FUNÇÃO-FORMA</b>	X é denotado por uma oração de S	

Fonte: elaboração própria

Observam-se, no quadro, as fórmulas correspondentes à asserção veiculada e à pressuposição evocada pela construção, além do esquema formal que ela instancia. Ademais, é possível observar a relação entre os dois polos, que liga X a qualquer oração de S, formulação que abarca a variedade encontrada em relação à qual oração apresenta tal denotação.

Nossa proposta é a de que todos os usos da CBQ remontam, em última instância, ao esquema acima. Isto é, sustentamos que a CBQ *sempre* é usada para rejeitar a validade de uma proposição que o falante assume existir no repertório de proposições conhecidas pelo ouvinte. A título de exemplificação, podemos aplicar a esquematização do quadro 1 ao exemplo (12), baseados na caracterização sintática e semântica que foi feita a respeito dele:

Quadro 2 — Aplicação das generalizações semântico-pragmáticas e sintáticas da Construção Bem Que S para o dado (12)

	PRESSUPOSIÇÃO		ASSERÇÃO	
	FÓRMULA	ANÁLISE	FÓRMULA	ANÁLISE
<b>FUNÇÃO</b>	[não X]	[o catolicismo não matar muito em nome do fanatismo]	[não é verdade que [não X]]	[não é verdade que [o catolicismo não matar muito em nome do fanatismo]]
<b>FORMA</b>	[Bem que [eles (o catolicismo) mataram muito em nome do fanatismo]]			
<b>RELAÇÃO FUNÇÃO-FORMA</b>	X é denotado pela oração “eles mataram muito em nome do fanatismo” de S			

Fonte: elaboração própria

### 3.4 Usos particulares da construção *bem que S*

No entanto, há casos em que essa função comunicativa provavelmente é menos autoevidente. A título de exemplo, contrastemos o uso em (12) acima, repetido abaixo como (14), aos usos (6), retomado como (15), e (5), repetido como (16):

- (14) Estou um pouco chocada com a história do cristianismo retratado no livro Uma Breve História da Humanidade. Agora estou curiosa para saber mais. Para uma religião que prega o amor e compaixão, eles bem que mataram muito em nome do fanatismo.
- (15) Bem que me falaram que Lovecraft ia piorando com o decorrer dos episódios. O melhor segue sendo o primeiro mesmo.
- (16) Bem que podia ter um botão na Netflix “continuar onde você pegou no sono”.

Em (14), conforme já comentado, o construto da CBQ é usado para *rejeitar* uma proposição prévia (qual seja, a de que o cristianismo não acarretaria assassinatos). Nesse sentido, como vimos, esse exemplo se conforma com facilidade ao esquema do Quadro 1. Em (15) e (16), porém, o cenário é menos óbvio. No primeiro caso, é possível afirmar, intuitivamente, que o falante está *concordando com* — e não *rejeitando* — uma opinião previamente expressa (qual seja, a opinião de que a série Lovecraft perderia qualidade ao longo do tempo). No segundo caso, em que o construto é usado para expressar um desejo (o de que a Netflix crie um tipo específico de botão), não é evidente qual seria a (ou mesmo se haveria uma) proposição rejeitada. Nas próximas seções, abordaremos esses dois casos.

### 3.4.1 Usos com função discursiva de admissão de erro

Como vimos anteriormente, os exemplos (12-13) se caracterizam por veicular a asserção de que o sujeito rejeita uma proposição pressuposta [não X], afirmando que ela não é verdadeira. No entanto, conforme comentamos a respeito do exemplo (15), brevemente ao final da seção anterior, existe um conjunto de dados em que parece ser identificável a função discursiva contrária, qual seja, a de *concordância* com uma proposição prévia. Analisemos agora alguns deles (incluindo o próprio exemplo (15), repetido abaixo como (17)):

- (17) Bem que me falaram que Lovecraft ia piorando com o decorrer dos episódios. O melhor segue sendo o primeiro mesmo.
- (18) Eu bem que me avisei para não emprestar minha Hq de Blade Runner. Porém não me ouvi.
- (19) Minha filha me deu muito trabalho quando era mais novinha, só eu sei, mas bem que me falaram que eu ia sentir muita falta, ela tá crescendo tão rápido, vai com calma tempo...

Note-se que, em (17), como já ficou dito, o falante expressa sua *concordância* com a posição das pessoas que haviam assistido à série antes dele. De maneira análoga, em (18), o falante expressa concordância em relação à resolução a que ele tinha mesmo tinha chegado, em outro momento, quanto à atitude de emprestar sua HQ. Em (19), analogamente, o falante parece estar expressando sua concordância com a proposição de que sentiria falta da época em que sua filha era mais nova.

Esses dados apontam para uma função discursiva de concordância — o exato oposto da função de rejeição que propusemos para a CBQ. Como então poderíamos dar conta deles? Em outras palavras, como eles poderiam se conformar ao esquema geral do quadro 1?

O que propomos é que dados como (17-19) evocam a seguinte situação: o falante toma conhecimento de uma dada proposição e, em seguida, discorda dela ou, pelo menos, não se compromete integralmente com a ideia de que ela seja verdadeira. Depois disso, por alguma razão, ele revê seu posicionamento e passa a concordar com a proposição inicial. Por fim, ao utilizar a construção, ele marca essa mudança de posicionamento — rejeitando, nesse caso, o seu descrédito inicial relativo à proposição.

Vejamos isso em (17): o que argumentamos é que, nesse caso, o falante ouviu falar que a série Lovecraft pioraria ao longo dos episódios e, de início, não aceitou essa opinião. Em seguida, ao assistir de fato à série, ele muda de opinião, pois percebe que, como ele diz, “o melhor continua sendo o primeiro”. Ao utilizar a construção, o que ele faz é algo como “dar o braço

a torcer”: ele rejeita sua opinião inicial acerca da proposição de que a série não pioraria, confessando que estava errado.

Uma evidência cotextual de que, de fato, o construto evoca uma situação de descrédito inicial do falante diante de alguma proposição pode ser vista em (18). Nesse exemplo, o falante “avisa a si mesmo” que não deve emprestar sua HQ, mas, como ele dá a entender logo em seguida, “não se dá ouvidos”. Por fim, o que a enunciação do construto expressa é sua rejeição à sua própria negligência em relação ao seu “autoconselho” inicial (de não emprestar a HQ) e, *ipso facto*, o alinhamento à (concordância com a) seu conselho original. Para expressar essa ideia, diremos que esse tipo de uso realiza uma função discursiva de *admissão de erro* — um rótulo que abrange simultaneamente a ideia de *concordância* (se uma pessoa admite um erro, ela está *concordando* com uma crítica) e a de *rejeição* (se uma pessoa admite um erro, ela está *rejeitando* sua própria avaliação, atitude ou posição original).

Diante dessa análise, a impressão inicial de que esses dados servem a uma função de concordar com algo, em vez de rejeitar uma proposição prévia, fica justificada, na medida em que fica claro que há aqui dois posicionamentos em jogo: aquele de que o falante toma conhecimento (como, em (17), a posição de que a série pioraria) e aquele que o falante assume ao não acreditar nessa proposta ou não se comprometer com ela (como, em (17), a posição de que a série não pioraria). Assim, nos usos em que a CBQ assume função de admissão de erro, o falante, de fato, ao mesmo tempo em que se alinha ao primeiro posicionamento, *concordando* com ele, rejeita o segundo posicionamento, refutando-o.

É importante reconhecer esse segundo movimento porque ele contribui para a nossa argumentação de que tanto dados como (17-19), quanto como (12-13) atualizam as mesmas generalizações semântico-pragmáticas e sintáticas que propomos para a CBQ. Formalmente, os dois grupos de exemplos devem ter a forma [bem que [sentença]], em que uma oração da sentença denota [X]. Além disso, semanticamente, ambos os grupos veiculam a asserção [não é verdade que [não X]], ou seja, expressam a rejeição a uma proposição pressuposta [não X].

Para demonstrar a validade dessa sistematização, apliquemos a generalização do Quadro 1 ao dado (19), considerando, agora, as particularidades desse tipo de uso da CBQ. Esse exemplo evoca um cenário no qual: (i) o falante foi teria sido avisado por alguém que, no futuro, sentiria falta de quando sua filha era mais nova e (ii) o falante, inicialmente, negligenciou esse alerta ou discordou dessa previsão (conforme sugerido pela sequência “Minha filha me deu muito trabalho quando era mais novinha”). É relativamente a esse cenário que o enunciado em (19) é

proferido. Aqui, o construto da CBQ em questão realiza o movimento de rejeitar a negligência ou discordância inicial (em relação ao vaticínio segundo o qual o falante sentiria falta da época em que a filha era um bebê ou uma criança) e, ao mesmo tempo, expressar concordância com uma proposição prévia (o mesmo vaticínio).

Tecnicamente, portanto, é possível afirmar que o enunciado (19) evoca o pressuposto [não X], que, especificamente, nesse caso, diz respeito ao seu desprezo em relação à proposição inicial<sup>4</sup>. Ou seja, aqui, [não X] pode ser formulado como “não sentirei falta de quando minha filha era mais nova”. O que a construção Bem Que S faz, ao ser usada nessa frase, é rejeitar essa pressuposição. Ou seja, ela veicula a asserção [não é verdade que [não X]], que, aqui, corresponde a “não é verdade que eu não sentiria falta da minha filha quando era mais nova”. Discursivamente, portanto, o falante faz uso desse *idiom* para admitir um erro passado, assumindo que reviu seu posicionamento e passou a se alinhar à ideia de que sente, sim, saudades do tempo em que a filha era mais nova.

Do ponto de vista sintático, o dado atualiza a fórmula [bem que [S]]: aqui, a sequência “bem que” é seguida da sentença “me falaram que eu ia sentir muita falta”, que é estruturada por um período composto. Especificamente, a oração mais encaixada é aquela que designa X, uma vez que o falante se alinha com a ideia de que viria a sentir muita falta da filha — não à de que ele alguém teria comunicado isso a ele, como designado pela oração menos encaixada.

O quadro 3 resume a aplicação da proposta ao exemplo (19).

<sup>4</sup> Aqui, deve ser feita uma ressalva acerca da natureza pressuposicional dessa proposição. Ao dizer que ela é uma pressuposição, estamos dizendo, conforme explicitado na seção 2.3, que se trata de um conhecimento que o ouvinte assume que o seu falante já tem ou está pronto para pressupor no momento em que a sentença é proferida. Nota-se que, nos casos do grupo de admissão de erro como um todo, acreditamos que não necessariamente o ouvinte já tenha de fato sabido do conteúdo dessa proposição pressuposta antes de o falante proferir a sentença. Por exemplo, em (17), não necessariamente o ouvinte já sabia do fato de que o falante achava que Lovecraft não pioraria ao longo dos episódios. Em (19), não necessariamente o interlocutor realmente sabia que o falante tinha discordado da proposta de que ele sentiria falta de quando sua filha era nova. Nos casos em que isso potencialmente tenha acontecido, defendemos se tratar de um caso de acomodação de pressuposição (LAMBRECHT, 1994): a estrutura informacional da construção permanece a mesma, enquadrando essa proposição como pressuposta. Ao fazer uso dela, o falante leva o ouvinte a inferir que seu conteúdo seja verdade, por mais que ele não soubesse disso.

Quadro 3 — Aplicação das generalizações semântico-pragmáticas e sintáticas da Construção Bem Que S para o dado (19)

	PRESSUPOSIÇÃO		ASSERÇÃO	
	FÓRMULA	ANÁLISE	FÓRMULA	ANÁLISE
<b>FUNÇÃO</b>	[não X]	[não sentir falta de quando a filha era mais nova]	[não é verdade que [não X]]	[não é verdade que [não sentir falta de quando a filha era mais nova]
<b>FORMA</b>	[Bem que [S]]			
<b>RELAÇÃO FUNÇÃO-FORMA</b>	X é denotado por uma oração de S			

Fonte: elaboração própria

Como se observa, no polo semântico-pragmático, aplica-se, para um dado do grupo (17-19), a mesma descrição feita, em um dado do grupo (12-13). Entretanto, algo importante deve ser salientado: como já foi destacado anteriormente, as frases de ambos os grupos apresentam função discursiva de rejeição; no caso do grupo (12-13), há rejeição de uma proposição elaborada por outrem, e, no grupo (17-19), há rejeição de uma proposição elaborada pelo próprio falante. É por isso que emerge, no conjunto de dados (17-19), a função discursiva de admissão de erro. Ou seja, para além de transmitir a ideia de contrariação, também presente nos usos em (12-13), o falante utiliza a construção para fazer uma espécie de confissão pública de que ele estava errado ao rejeitar ou ignorar uma dada ideia.

Demonstramos, nesta seção, que usos da CBQ que realizam a função discursiva de adesão a uma proposição prévia também podem ser analisados em conformidade com o esquema geral representado no Quadro 1. Isto é, por mais que esses usos tenham certas particularidades, eles não servem como contraexemplos à generalização aqui proposta para a CBQ. Na próxima seção, procuraremos mostrar que o mesmo se aplica a um outro subconjunto de usos da CBQ — aqueles que apresentam, além da ideia de rejeição, não a noção de admissão de erro, mas sim a função discursiva de desejo.

### 3.4.2 Usos com função discursiva de desejo

Nesta seção, voltamo-nos para um conjunto de usos da CBQ que expressa, intuitivamente, semântica de desejo, incluindo o exemplo (16), retomado como (20). Observe-se:

- (20) Bem que podia ter um botão na Netflix “continuar onde você pegou no sono”.

- (21) Poxa, bem que eu poderia ter acordado hoje — primeiro dia de 2021 — com 162 milhões de reais na conta.
- (22) Eu digo que não queria a Manu no BBB, mas bem que eu queria acompanhar 24h ela de novo.

Exploremos os dados. Intuitivamente, podemos perceber que todos eles apresentam alguma expressão de desejo de algum objeto. Para verificar isso, contraste-se o uso real em (20) com sua contraparte hipotética sem o “Bem que”: “Podia ter um botão da Netflix ‘continuar onde você pegou no sono’”. Note-se que essa frase hipotética pode tanto expressar desejo quanto pode apenas expressar alguma possibilidade, ou seja, configurar-se como um ato meramente constativo (AUSTIN, 1965). Por outro lado, no uso real em (20), a noção de desejo está necessariamente presente: uma paráfrase para esse exemplo poderia ser “A Netflix ter um botão ‘continuar onde você pegou no sono’ seria uma boa ideia e eu desejo isso”. O mesmo ocorre nos outros exemplos, em que a interpretação de desejo é obrigatória.

É interessante analisar, no entanto, o objeto desse desejo em cada caso. Pode-se dizer que se trata, em todos os exemplos acima, de algo que não se espera que seja desejado, possivelmente porque sua obtenção é improvável ou impossível, ou por se tratar de um desejo socialmente inaceitável. Observemos cada caso. Em (20), o falante parece reconhecer que seu desejo é “exótico” porque depende de tecnologia muito específica e aparentemente pouco verossímil. Em (21), implicitamente, entendemos que o falante sabe que é improvável que ele ganhe tal quantia de dinheiro de forma imediata. Por fim, em (22), o locutor parece entender (com base em seu conhecimento de mundo) a improbabilidade de que uma participante de um *reality show* seja chamada novamente para participar dele em outra edição.

Como isso é importante para comprovar que esses usos atualizam a nossa proposta para o polo semântico-pragmático da CBQ? Ora, dissemos que, em todos os dados dessa construção, o seu uso evoca uma pressuposição [não X], que é rejeitada por meio da asserção [não é verdade que [não X]]. O que acontece, nesses casos, é justamente isso: o falante assume que, devido ao seu caráter improvável, impossível ou socialmente inaceitável de um dado desejo, a expressão desse mesmo desejo não é esperada. Sob esse pano de fundo, o “bem que” sinaliza a quebra da sua expectativa. Tecnicamente, sustentamos que, em usos do tipo (20-22), a CBQ evoca o pressuposto [não X], em que a variável [X], nesse casos, é preenchida sempre por [sujeito expressar desejo por D], sendo [D] o objeto sendo almejado em cada caso. Ao utilizar a construção, ele veicula, especificamente, a ideia de que [não é verdade que [não [sujeito expressar

desejo por D]]], convidando seu ouvinte a enquadrar sua expressão de desejo como a *rejeição* de uma expectativa prévia relativa à expressão de um desejo.

No que se refere ao polo formal, o usos do tipo (20-22) também corroboram nossa proposta. Todos os dados de (20) a (22) são compostos pela sequência fonologicamente preenchida “bem que” e uma sentença: em (20), “podia ter um botão na Netflix ‘continuar onde você pegou no sono’”; em (21), “eu poderia ter acordado hoje — primeiro dia de 2021 — com 162 milhões de reais na conta”; e, em (22), “eu queria acompanhar 24h ela de novo”.

Também, no que tange à conexão entre os polos, a proposta se confirma. Aqui, se dissemos que a proposição pressuposta [não X] corresponde a “um sujeito não vai expressar publicamente desejo por um dado tipo de objeto”, então [X] corresponde a “um sujeito vai expressar publicamente desejo por um dado tipo de objeto”. Isso, de fato, é o conteúdo de S, em que é expresso o objeto de desejo do falante.

Note-se, a esse respeito, que, em todos os usos com função discursiva de desejo, há a presença de uma marca de modalização nos verbos<sup>5</sup>. Em (20-22), observam-se as formas verbais “podia”, “poderia”, “queria”. Essas formas são utilizadas, mesmo em seu uso independente da CBQ, para veicular o valor de desejo; seja explicitamente, no caso do verbo “querer”, seja via implicatura conversacional (GRICE, 1975), no caso do verbo “poder”:

- (23) Podia ter um botão da Netflix “continuar onde você pegou no sono”.
- (24) Poxa, eu poderia ter acordado hoje — primeiro dia de 2021 — com 162 milhões de reais na conta.
- (25) Eu digo que não queria a Manu no BBB, mas eu queria acompanhar 24h ela de novo.

Portanto, esse valor não é intrínseco à CBQ. Na verdade, ele é apenas tomado como objeto de conceptualização para ser enquadrado enquanto uma rejeição de expectativa. Ou seja, é nessas sentenças, que preenchem o *slot* da construção e que têm marcas de modalização que está a expressão de desejo [X]; logo, como defendemos, também nesses casos uma oração de S é responsável por denotar [X].

Estando explicitada a nossa proposta, podemos agora aplicá-la ao exemplo (20) para demonstrar sua procedência. O que propomos é que o falante faz, por meio da Construção Bem Que S, nesse caso específico, é

<sup>5</sup> Os dados encontrados no Twitter com função discursiva de desejo apresentavam, na grande maioria das vezes, verbo conjugado no pretérito perfeito do indicativo ou no futuro do pretérito do indicativo, tempos caracteristicamente modais. Há poucos casos, ainda, em que isso não ocorreu. Por outro lado, nesses dados, o verbo usado foi “poder”, que, por sua vez, também é tipicamente modal.

evocar a ideia de que um botão, na Netflix, com a função “continuar onde você pegou no sono” não seria desejado por algum sujeito. Isso pode-se dever a diversos motivos, mas intuitivamente podemos hipotetizar que não se espera que se expresse desejo por algo desse tipo porque se trata de uma tecnologia inverossímil, afinal, é extremamente avançada. Nesse sentido, enunciar que se deseja algo do tipo pode ser percebido socialmente como “querer demais” ou “forçar a barra”, porque, provavelmente, ultrapassa o limite do provável ou alcançável diante das tecnologias que dispomos hoje e de que vamos dispor em um futuro próximo.

No entanto, apesar do que o falante calcule a respeito da visão da sociedade acerca dessa situação, há, de fato, motivos para ele desejar um botão desse tipo. Mesmo sendo difícil consegui-lo, ele seria muito conveniente, afinal, não seria preciso, ao se cair no sono assistindo uma série ou filme, investigar em qual momento isso ocorreu para retornar àquele ponto. Portanto, vendo-se diante da expectativa social negativa relativa à expressão desse desejo, mas convicto de que, na verdade, trata-se de um recurso valioso, o falante ousa contrariar a sociedade, ou algum membro específico dela, afirmando que deseja, sim, aquele objeto.

Assim, por meio da CBQ, em (20), o falante evoca a proposição pressuposta [não [sujeito expressar desejo por botão “parar onde você pegou no sono”]]. Ao mesmo tempo, ele rejeita essa proposição, veiculando a asserção [não é verdade que [não [sujeito deseja botão “parar onde você pegou no sono”]], e afirmando, portanto, que ele deseja esse botão. Observa-se que o dado instancia a forma [bem que [sentença]]: [bem que [podia ter um botão na Netflix “continuar onde você pegou no sono”]], em que a sentença S é responsável por denotar, por implicatura, [X], ou seja, a expressão de desejo do falante. Isso pode ser resumido no quadro abaixo.

**Quadro 4** — Aplicação das generalizações semântico-pragmáticas e sintáticas da Construção Bem Que S para o exemplo (20)

	PRESSUPOSIÇÃO		ASSERÇÃO	
	FÓRMULA	ANÁLISE	FÓRMULA	ANÁLISE
FUNÇÃO	[não X] = [não [sujeito expressar desejo por D]]	[não [sujeito expressar desejo por [ter um botão na Netflix “parar onde você pegou no sono”]]]	[não é verdade que [não X]] = [não é verdade que [não [sujeito expressar desejo por [ter um botão na Netflix “parar onde você pegou no sono”]]]	[não é verdade que [não [sujeito expressar desejo por [ter um botão na Netflix “parar onde você pegou no sono”]]]
FORMA	[Bem que [S]]			
RELAÇÃO FUNÇÃO-FORMA	X é denotado por uma oração de S			

Fonte: elaboração própria

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Defendemos aqui que a Construção Bem Que S é uma construção de intersubjetividade: no seu polo semântico-pragmático, especificamente, ela evoca o pressuposto [não X] e o enquadra como algo que não é verdade, veiculando a asserção [não é verdade que [não X]]. Ou seja, ela toma a proposição pressuposta como um objeto de conceptualização e a contraria, perfilando uma ideia de rejeição e convidando seu ouvinte a fazer o mesmo. Nesse sentido, ela sempre é usada para provocar a ideia de rejeição. Além disso, há dois casos particulares em que, além dessa função pragmática, há também a evocação da ideia de admissão de erro (em que se contraria uma ideia elaborada por si mesmo); e a de desejo (em que se contraria uma expectativa prévia de que um sujeito não expressaria um determinado desejo). No polo formal, ela é marcada pela estrutura [bem que [sentença]], em que alguma oração da sentença S é responsável por denotar o conteúdo do componente semântico [X].

Assim, desenhamos aqui uma proposta de caracterização para uma construção idiomática do português brasileiro. Isso contribui não apenas para a descrição dessa expressão idiomática, já que a literatura na área não tem dado atenção a esse fenômeno particular, mas também para dar continuidade à empreitada construcionista, caracterizada em grande medida (embora, é claro, não exclusivamente) pela ênfase sobre estruturas semiproductivas, com o objetivo de demonstrar, em última instância, que elas constituem parte fundamental, e altamente sofisticada, do conhecimento linguístico do falante.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Marcell; ARANTES, Poliana. Partículas modais em alemão e seus equivalentes funcionais em português brasileiro: proposta de análise e classificação para o uso. **Pandaemonium**, São Paulo, v. 23, n. 40, maio-ago 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/1982-88372340166>

AUSTIN, John L. **How to do Things with words**. New York: Oxford University Press, 1965.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2001.

FILLMORE, Charles J.; KAY, Paul; O'CONNOR, Mary Catherine. Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: The Case of Let Alone. **Language**, vol. 64, n. 3. set. 1988.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language**. New York: Oxford University Press, 2006.

GRICE, P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. (Eds.). **Syntax and semantics 3: Speech arts**, p. 41-58, 1975.

LAMBRECHT, K. **Informational structure and sentence form: topic, focus and the mental representation of referents**. Cambridge: University Press, 1994.

TANTUCCI, Vittorio. **Language and social minds: The semantics and pragmatics of intersubjectivity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

VERHAGEN, Arie. **Constructions of Intersubjectivity: Discourse, Syntax and Cognition**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

WULFF, Stefanie. Words and Idioms. In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme(Ed.). **The Oxford handbook of construction grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

SOUSA, CLARA; PINHEIRO, DIOGO.  
IDIOMATICIDADE NA GRAMÁTICA: UM  
ESTUDO DA CONSTRUÇÃO BEM QUE S.  
ENTREPALAVRAS, FORTALEZA, V. 13, N. 1,  
E2576, P. 326-345, JAN.-ABR. 2023. DOI:  
10.22168/2237-632112576